

**MISÉRIA: FGV DIZ QUE UM TERÇO DA POPULAÇÃO VIVE COM ATÉ R\$ 79 • PÁGINA 29**

**O GLOBO**

IRINEU MARINHO (1925)

RIO DE JANEIRO, SEXTA-FEIRA, 16 DE ABRIL DE 2004 • ANO LXXIX • Nº 25.820 • [www.oglobo.com.br](http://www.oglobo.com.br)

ROBERTO MARINHO (1925-2003)

# Brasil tem 56 milhões de miseráveis, diz FGV

Um em cada três brasileiros vive com até R\$ 79 por mês. Na Região Metropolitana do Rio, miséria cresceu 7,3%

Cássia Almeida

• A miséria no Brasil atinge 56 milhões de brasileiros, o que corresponde a 33% da população, de acordo com o Mapa do Fim da Fome II, lançado ontem pelo Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV). O estudo mostra que, se cada brasileiro não miserável doasse R\$ 14 por mês, a pobreza seria erradicada no Brasil. Segundo o economista Marcelo Neri, houve uma mudança geográfica na pobreza de 2000 a 2002. Enquanto na década de 90, os miseráveis ficavam mais concentrados nos grotões rurais, nesta década a situação se agravou na periferia das grandes cidades.

— A pobreza cai nas áreas rurais e fica estagnada nas metrópoles. Em regiões metropolitanas como as do Rio e de São Paulo, a miséria aumentou muito — afirma Neri.

O problema é mais grave

## ▶ O tamanho do desafio brasileiro

### OS NUMEROS DA MISERIA

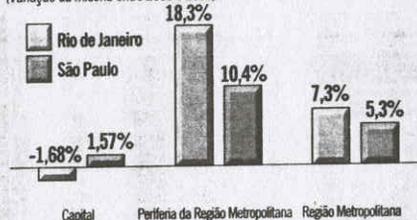
A miséria atinge  
**56 milhões de brasileiros**

Um em cada três brasileiros é considerado miserável no Brasil, ganhando até R\$ 79 por mês

Estudo mostra que se cada brasileiro acima da linha da pobreza doasse R\$ 14 por mês, a miséria seria erradicada no Brasil

### SITUAÇÃO NAS PRINCIPAIS CIDADES DO PAÍS

(Variação da miséria entre 2000 e 2002)



quando o recorte é feito na periferia das regiões metropolitanas. No Rio, o distrito de Engenheiro Pedreira convive com pobreza mais intensa, ou seja, onde o rendimento da população miserável fica mais distante da linha — R\$ 79 por mês. O distrito fica em Japeri, um dos municípios do Grande Rio.

Em média, a miséria nessas cidades do entorno da capital aumentou 18,3% entre 2000 e 2002, quando se considera o rendimento do trabalho. No município do Rio, o número de miseráveis caiu 1,68%.

— Entre 1996 e 1999, a piora da miséria atingiu igualmente capital e periferia. De 2000 a

2002, a situação ficou mais crítica fora da capital — diz o economista.

Em São Paulo, a situação se repete. Nas cidades que formam a Grande São Paulo, excluindo a capital, a pobreza atingiu mais 10,4% de paulistanos. E na capital, o aumento foi de 1,57%.

Na avaliação do economista, a crise no mercado de trabalho foi mais grave nas metrópoles. Simultaneamente, os programas sociais são destinados aos grotões de miséria, nos sertões. Neri cita a Previdência Rural e o Benefício de Prestação Continuada como exemplos. Mas, para ele, não faltam recursos

para reduzir a miséria nas áreas metropolitanas; faltam, sim, políticas integradas entre os três níveis de governo: município, estado e União.

— As grandes cidades necessitam de políticas integradas, que unam regularização fundiária, treinamento, educação e microcrédito. Não adianta resolver o problema da violência no município vizinho. Os problemas são comuns. Atualmente, vivemos uma situação caótica — diz Neri.

### Desemprego entre

15 e 29 anos é de 22,6%

Segundo Neri, o mercado de trabalho tem papel fundamental nesse quadro de miséria e, consequentemente, da violência que atinge os jovens. Entre a população de 15 e 29 anos, a taxa de desemprego é de 22,6%, contra 9% da média, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad). A taxa quadruplicou de 1989 a 2001. ■

## ▶ O mercado de trabalho

Folha de pagamento real, na comparação com o mesmo mês do ano anterior



FONTE: IBGE

## Indústria: emprego e salário em alta

Entre janeiro e fevereiro vagas crescem 0,3% e folha de pagamentos, 4,3%

Luciana Rodrigues

• Mesmo com a produção em queda, a indústria teve uma leve recuperação do emprego e uma forte alta nos salários reais nos primeiros meses deste ano, segundo pesquisa divulgada ontem pelo IBGE. O número de vagas no setor cresceu 0,3% em fevereiro, na comparação com o mês anterior, já descontados os efeitos sazonais, depois de ter expandido 0,9% em janeiro. Enquanto isso,

os indicadores de produção, divulgados no início do mês, mostram uma queda de 1,8% em fevereiro, frente a janeiro.

### Queda da inflação e bônus a trabalhador melhoram folha

Mas a reação mais forte do mercado de trabalho veio mesmo dos salários. A folha de pagamento cresceu 10,10% em termos reais (ou seja, descontada a inflação) na comparação com fevereiro do ano passado. Foi a quarta alta seguida

e, na avaliação do economista André Macedo, técnico do IBGE, reflete a queda da inflação nos últimos meses e o pagamento de bônus e benefícios extras aos trabalhadores, típicos desse período do ano.

Em relação a janeiro, na série com ajuste sazonal, a folha de pagamentos cresceu 4,3%, depois de subir 9,8% no mês anterior. Mas, apesar da melhora recente, no acumulado dos últimos 12 meses os salários na indústria acumulam perdas de

2% e o emprego recuou 1%.

O total de horas pagas ao trabalhador — indicador que costuma antecipar o comportamento do emprego, pois os empresários primeiro aumentam as horas extras para só depois contratarem — cresceu 2,2% em fevereiro, em relação a janeiro, com ajuste sazonal. ■

### ▶ NO GLOBO ONLINE:

Veja as tabelas da pesquisa do IBGE sobre a indústria [www.oglobo.com.br/economia](http://www.oglobo.com.br/economia)